



## REPRESENTAÇÃO DO SUJEITO SURDO NO CONTO O PADRE SURDO, DO ESCRITOR MOÇAMBICANO MIA COUTO\*

*Representation of the deaf subject in the short story The Deaf Priest, by mozambican writer Mia Couto*

Welinton, Oliveira. (UFAC)<sup>1</sup>  
Simone, Lima (PET-Letras)<sup>2</sup>

### RESUMO

Este trabalho surge da proposta de atividade do Programa de Educação Tutorial, da Universidade Federal do Acre, e tem como objeto de pesquisa as identidades surdas e como estes sujeitos são representados nas produções literárias — neste caso, na literatura moçambicana, em particular a produzida por Mia Couto. O referido escritor não faz uso da língua de sinais em suas histórias, mas toca em temáticas a respeito do sujeito surdo e do racismo arraigado nas sociedades africanas, que são conservadoras e têm dificuldade em conviver com a diversidade. Para tal fim, apresentaremos um breve panorama histórico com informações sobre a educação e cultura surda, fundamentados no texto de Capovilla (2000). Este é, vale dizer, um estudo bibliográfico. Produziremos uma sucinta análise literária do conto *O Padre Surdo*, integrante do livro *Estórias Abensonhadas*. Mostraremos como a oralidade é um forte elemento presente na literatura e no imaginário africano, contrastando com a realidade vivida por uma pessoa surda.

**Palavras-Chave:** Literatura moçambicana; Cultura e educação surda; Imaginário.

### ABSTRACT

*This paper arises from the proposal of activity of the Tutorial Education Program, at the Federal University of Acre, and has as its research object the deaf identities and how these subjects are represented in literary productions, in this case the Mozambican literature of Mia Couto. This writer does not use sign language in his stories, but brings up themes related to the deaf subject and the racism rooted in African society, which is conservative and has difficulty living with diversity. To this end, we will present a brief historical overview with information about education and deaf culture, based on the text of Capovilla (2000). This is a bibliographic study. We will produce a brief literary analysis of the short story The Deaf Priest, part of the*

\* Este artigo é oriundo de apresentação no evento digital NortePet, em agosto de 2020 e foi ampliado para fins de submissão

<sup>1</sup> Universidade Federal do Acre, Rio Branco, Acre, Brasil. Programa de Educação Tutorial (PET-Letras); [welintons.deoliveira@gmail.com](mailto:welintons.deoliveira@gmail.com)

<sup>2</sup> Universidade Federal do Acre, Rio Branco, Acre, Brasil. Programa de Educação Tutorial (PET-Letras); [ssouzalima@gmail.com](mailto:ssouzalima@gmail.com)

book *Blessed Stories*. We will show how orality is a strong element in African literature and imaginary contrasting with the social reality of a deaf person.

**Keywords:** Mozambican literature; Deaf culture and education; Imaginary.

## Introdução

Este trabalho surge da proposta de atividade de pesquisa do Programa de Educação Tutorial (PET-Letras) e tem como objeto de pesquisa as identidades surdas e como estes sujeitos são representados nas produções literárias. Nossa reflexão se centrará na obra de Mia Couto. O referido escritor não faz uso da língua de sinais em suas histórias, mas traz temas como a surdez e o preconceito racial, problematizando a dificuldade das sociedades africanas em conviver com a diversidade. Para tal fim, apresentaremos um breve panorama histórico com dados da educação e cultura surda, tendo como fundamentação a contribuição de Capovilla (2000).

Por ser um estudo bibliográfico, cumpre esclarecer que esta pesquisa utiliza a metodologia qualitativa, com enfoque descritivo, desenvolvido a partir da abordagem proposta pelo currículo do curso de Licenciatura em Letras Libras da UFAC. Dessa forma, teceremos uma breve análise literária do conto *O Padre Surdo*, que integra o livro *Estórias Abensonhadas* (2012), do referido autor. Destacamos excertos do conto, comentando acerca dos elementos que compõem uma narrativa, da complexidade dos personagens e da representação do imaginário moçambicano. O apoio teórico é fornecido ora por Couto (2011), Petrov (2014) e Gancho (2006). Discorreremos então sobre os sujeitos surdos e suas identidades, considerando suas especificidades, sobretudo baseados na concepção de identidades surdas plurais pela ótica de Perlin (1998).

O presente trabalho compõe-se de quatro seções. Inicialmente apresentamos o conceito de identidade defendido pela autora Gladis Perlin (1998), particularmente a identidade surda, concepção essa que aproxima de estudos culturais, deixando de lado a ideia de corpo danificado para que os sujeitos surdos possam então alcançar uma alteridade cultural. Destaca-se que a referida autora faz uso de sua vivência de mulher, surda e militante da causa surda:

Me lanço a escrever sobre as identidades surdas fazendo um empréstimo de minha pessoa à experiência das experiências da comunidade surda com embasamento teórico pós-estruturalista. Usar a teoria pós-estruturalista, para mim. Significa um aproximamento do “ser surdo”, uma vez que os estudos culturais negam o universalismo e permitem uma aproximação do sujeito nativo sem mitos e suposições já construídos acerca do sujeito surdo (PERLIN, 1998, p. 51)

Seguimos com um breve percurso histórico da realidade de pessoas surdas em diferentes épocas pelo mundo, considerando principalmente o processo educacional. Registraremos aqui momentos marcantes, como as primeiras instituições de ensino de surdos na Europa e o reconhecimento linguístico das línguas de sinais, a partir dos estudos do linguista americano William Stokoe, que descreveu os níveis fonológicos e morfológicos da Língua Americana de Sinais (ASL). A segunda seção colige informações acerca de Mia Couto, sua escrita única e nacionalista e como escritores brasileiros beberam em suas obras. Neste ponto, observamos a contribuição do escritor João Guimarães Rosa para o texto coutiano. Na terceira seção, será feita a análise literária do conto *O Padre Surdo*, atentando-se para o contexto social e os temas presentes no livro *Estórias Abensonhadas*. A quarta seção trata dos resultados das discussões sobre o racismo e a representação de pessoas surdas na literatura, aqui a africana, temáticas atuais e que são debatidas em todo o mundo.

## 1. Educação e Cultura Surda – Breve percurso histórico

Por muito tempo os surdos foram considerados não educáveis, desde Aristóteles, por exemplo, que afirmava que a aprendizagem acontecia por meio da audição, estando os surdos em desvantagem aos cegos. Na Epístola aos Romanos, Paulo declara que a fé consiste em ouvir a palavra de Cristo. Posteriormente, houve uma preocupação religiosa pela salvação dos surdos na França com o abade L'Épée e, no Brasil, com o Padre Oates, os quais trabalharam para preservar seus sinais (CAPOVILLA, 2000). A língua de sinais tem uma de suas origens os sinais monásticos, pelos quais os religiosos adotaram o silêncio de Saint Benoit. Comunicando-se por signos, eles criaram sinais correspondentes ao alfabeto, que seriam reproduzidos por seus pares.

A Língua de Sinais era tida como simples linguagem e descartada como objeto de estudo por não dispor de uma gramática própria, por ter vocabulário limitado e pela presença de sinais icônicos. A partir do século XVI, surgem as primeiras metodologias de ensino dos surdos. São, porém, casos isolados e, mais tarde, essa população passa a ser acolhida por instituições religiosas.

Em 1579, Girolamo Cardano, médico italiano que tinha um filho surdo, defendeu que as palavras eram indispensáveis para a compreensão das ideias e criou um método de associação de sinais e linguagem escrita. Afirmava ser necessário o aprendizado da leitura e da escrita. Surgem então obras voltadas à educação do surdo. Em 1620 é publicado *O alfabeto manual de Ponce de Leon*, por Juan Pablo Bonet, na Espanha. Ponce de Leon é considerado o primeiro professor de surdos da nobreza, sua metodologia era composta pelo ensino da datilografia, escrita e oralização.

Em 1750, o abade francês Charles Michel L'Épée criou a primeira escola de surdos, o Instituto de Surdos e Mudos de Paris, com uma abordagem gestualista, que expressa as ideias por movimentos corporais, complementando a linguagem oral. Além do método gestualista do francês de L'Épée, com os sinais metódicos, outra metodologia é difundida pelo mundo, o método alemão oralista de Heinicke, esta abordagem buscava desenvolver a oralização dos surdos, censurando o uso dos sinais na escola.

Em 1880, com o Congresso de Milão, o método oralista é designado para o ensino de alunos surdos, tendo o que podemos classificar de “ditadura ouvinte”, em que os professores surdos são afastados das salas de aulas e os alunos surdos têm sua língua natural proibida nas escolas e nos espaços públicos, sendo obrigados a desenvolver a oralização. O método oral não alcança eficácia e o aprendizado dos surdos regride. Houve pressão para resultados significativos, o que contribuiu para o surgimento de metodologias e tecnologias, como o aparelho auditivo, nos anos 1960, de novos modelos de gramática, nos anos 70, e de programas como o Phonator e o Visible Speech, que ajudam na percepção da fala, nos anos 80. Temos, nos anos 90, a criação dos implantes cocleares e o treino intensivo logo nos primeiros anos de vida (CAPOVILLA, 2000, p. 103). Convém destacar que, mesmo com os avanços tecnológicos, o método oralista foi substituído pela comunicação total, que permitia a linguagem de sinais combinada com a fala.

Grande salto na estrutura linguística das línguas de sinais se deve aos estudos de William Stokoe, em 1960, e a seu Instituto de pesquisa linguística na Universidade de Gaullaudet, que apresentou a análise descritiva e estrutural da Língua Americana de Sinais (ASL). Gesser (2009) grifa que, ao descrever os níveis morfológicos e fonológicos da ASL, Stokoe apresenta três parâmetros para que se construa um sinal, a saber: configuração de mão (CM), ponto de articulação (PA) ou locação (L) e movimento (M). Estes estudos sobre a ASL contribuíram sobremaneira para que as línguas de sinais tivessem de fato o *status* de língua, ao invés de mímica ou datilologia (alfabeto manual), como era considerada anteriormente. Surge na Suécia uma nova metodologia de ensino para os surdos, o método bilíngue, que considera a língua de sinais e a língua oral na modalidade escrita. Capovilla acrescenta que: “Tais habilidades incluem compreender e sinalizar fluentemente em sua língua de sinais, e ler e escrever fluentemente o idioma do país ou cultura em que ele vive” (CAPOVILLA, 2000. p. 109).

Para fechar o panorama histórico da educação dos surdos, fizemos um recorte para o Brasil de 1857, quando se inaugurou no Rio de Janeiro o Collégio Nacional para Surdos-Mudos de Ambos os Sexos (mais tarde passou a se chamar Instituto Nacional de Educação de Surdos) , a instituição é precursora no acolhimento e educação intelectual, moral e religiosa dos surdos, era comandada pelo professor surdo e francês Edouard Huet. Huet chega ao Rio de Janeiro entre os anos 1950 e 1955 com a intenção de fundar uma escola para surdos no Brasil, trouxe uma carta de apresentação do ministro da Instrução Pública da

França direcionada ao imperador Dom Pedro II com a proposta da criação da instituição de ensino de surdos. Que é aceita e inicia suas atividades como colégio privado no ano de 1856 e 1857 passa a ser público recebendo alunos surdos de todas as regiões do país. Além da contribuição francesa ao INES, a Libras teve influência da Língua Francesa de Sinais (LFS). Percebemos isso ao observar o alfabeto manual francês e o alfabeto manual da Libras.

## 2. Mia Couto e a influência brasileira

Antônio Emílio Leite Couto nasceu em 1955, na cidade de Beira, em Moçambique. Por seu apreço por gatos, ganha o apelido de “Mia” dos pais quando era criança, que se tornou seu pseudônimo. Seu pai, Fernando Couto, português de Rio Tinto, era jornalista e poeta, suas histórias despertaram o interesse de Mia pela escrita. Seus primeiros textos, poemas, foram publicados no jornal Notícias de Beira, quando ele tinha quatorze anos.

Mia tem uma escrita singular, que escreve e descreve as raízes do mundo analisando a natureza humana e sua profunda relação com a Terra. Em suas narrativas mostra um Moçambique que busca sua identidade, em meio às adversidades. Nelas observamos a contribuição da oralidade, o referido traz vocabulários da língua crioula e/ou dialetos nativos do país.

Há de se comentar o fato de que vários autores brasileiros contribuíram e influenciaram a literatura africana, com maior intensidade, dentre eles: Jorge Amado, em sua obra *Sonhar em casa*, é marco revolucionário nas narrativas de Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe. Aqui daremos evidência a João Guimarães Rosa, escritor mineiro que instigou e contribuiu para a escrita do autor moçambicano. Mia participou de evento em homenagem a Guimarães Rosa, na Universidade de Minas Gerais, em Belo Horizonte, no ano de 2007, com uma comunicação oral intitulada “Encontros e Encantos – Guimarães Rosa”, na qual lista as razões da contribuição do escritor mineiro à literatura africana de língua portuguesa e relata a revolução de seu encontro com Rosa. As razões são as seguintes:

- A importância de o escritor poder não ser escritor. Rosa além de escritor tinha outras ocupações e conhecia a escrita com intimidade. Não se trata de visitar o mundo da oralidade. Trata-se de deixar-se invadir e dissolver pelo universo das falas, das lendas, dos provérbios;
- O exemplo de uma obra que se esquivou da obra. Rosa não fez da literatura sua carreira, para ele o importante era o processo de escrita, lhe interessava com afinco.
- A sugestão de uma língua liberta dos seus regulamentos. Mia aponta que foi com Rosa que experienciou o flerte entre língua e pensamento (COUTO, 2011, p. 58-59).

Discorreremos, de relance, a propósito das razões que tornaram Guimarães Rosa uma referência para autores da África, como o luso-angolano Luandino Vieira, o angolano Boaventura Cardoso e os moçambicanos Ascênio de Freitas e Tomaz Vieira Mário. Petrov (2009) aponta:

- a) a construção de um lugar fantástico, no caso o sertão, espécie de lugar de todos os lugares;
- b) a instauração de um outro tempo, não o vivido, mas o sonhado, único modo de escaparmos à ditadura da realidade;
- c) a recusa da homogeneidade, pela militificação do sertão, contrariando-se assim, uma certa ideia uniformizante e modernizante de um Brasil em ascensão;
- d) a impossibilidade de um retrato de nação, pela eleição de um narrador como mediador de mundos, espécie de contrabandista entre a cultura urbana e letrada e a cultura sertaneja e oral;
- e) a necessidade de contrariar os excessos de realismo, concretizada por uma escrita à procura de outras dimensões e mistérios que estão para além das aparências;
- f) a urgência de um português culturalmente remodelado, contrário ao panfletarismo e ao utilitarismo;
- g) a afirmação da oralidade e do pensamento mágico, cuja presença consegue minar a hegemonia da lógica racional (PETROV, 2009, p. 29-30).

Nota-se, desta sorte, a influência de Rosa na representação da escrita erudita e da oralidade, e na concepção de uma nova regra linguística, com ênfase na informação semântica.

### 3. Análise literária do conto *O Padre Surdo*

O conto *O Padre Surdo* compõe o livro *Estórias Abensonhadas*. A obra é publicada em 1994, em um momento de pós-guerra, quando Moçambique estava se recuperando e fortalecendo sua identidade. O país se tornou colônia portuguesa no século XVI e em 1885, com a Conferência de Berlim sofreu ocupação militar e em 1964 iniciou a Guerra da Independência, que perdurou 10 anos e teve fim em 1974, a proclamação nacional moçambicana é proclamada em 1975. Com uma escrita nacionalista, que valoriza os costumes e crenças, Mia Couto em nota introdutória confirma: “Estas estórias falam desse território onde nos vamos refazendo e vamos molhando de esperança o rosto da chuva, água abensonhada. Desse território onde todo homem é igual, assim: fingindo que está, sonhando que vai, inventando que volta” (COUTO, 1994, p. 2).

O conto será analisado a partir da perspectiva de Gancho (2006), que apresenta cinco elementos indispensáveis na construção de uma narrativa, são eles: enredo, personagens, tempo, espaço e narrador. Identificaremos com excertos do conto em questão. Um de seus temas principais é a inclusão. Nesse contexto,

o enredo está envolto na surdez, uma vez que o protagonista é um jovem surdo, membro de uma família ouvinte. O narrador apresenta os fatos imparcialmente e conhece o íntimo dos personagens.

Os personagens principais da história são: os pais do jovem surdo, que também não têm nomes próprios. São personagens simples e compreensíveis, que reproduzem traços da sociedade africana: o pai é português, branco e de olhos claros e aberto, em oposição à mãe, que é moçambicana e retinta, com pensamento conservador e preconceituoso, reproduzindo marcas da colonização e instrução europeia. O jovem surdo é um personagem impulsionador, que apresenta certa complexidade, seja psicológica, seja social, pois se trata de um sujeito surdo e negro vivendo em uma sociedade ouvinte e conservadora.

Apesar de sua limitação sensorial, não fica dependente de seus pais e não vive solitário dentro de casa, reforçando a pluralidade das identidades surdas. Ao conceituar as identidades surdas, Perlin (1998) descarta ideias preconceituosas, considerando estudos culturais onde as identidades surdas são respeitadas face à cultura ouvinte. Para ela, esses sujeitos necessitam de seus pares, para que possam difundir sua língua de sinais, suas lutas e vivências.

Principiamos a análise a partir do conflito principal, quando o jovem surdo se apaixona por uma moça retinta e áfona. Destaca-se esta passagem:

“Até que apresentaram em nossa casa uma jovem muito bela. Ela, contudo, era muda. Meu pai recusou, sabendo de meu pedido. Mais que sentir eu queria escutar a voz da carícia. Mandavam já a rapariga de volta quando eu coincidei por ali. Chamei a moça e ela, a medo, se aproximou. Eu lhe confiei meu desejo. Meu pai querendo interrupção, conhecedor da impossível voz da moça. Mas sem coragem de me revelar a invalidez dela. Eu toquei as mãos da visitante e lhe pedi:

— *Só quero que me diga: em que lugar eu posso tocar o chilreio da água?*

E a jovem me soprou segredos. Em verdade, eu hoje sei que de sua garganta não saiu audível palavra. Mas no momento eu me deleitei com a miragem de sua voz. Meu pai olhava, surpreso, como meu rosto mudava. Eu desabrotava, inflorescendo. Milagre, neste mundo, é não acontecerem mais milagres? (COUTO, 1994, p. 78).

Na verdade, a pretendente não é aceita por ser retinta. A mãe argumenta que ela comprometeria a boa linhagem da família, manifestando uma conduta preconceituosa, mesmo sendo uma mulher negra. O pai reforça o discurso excludente contra a moça. Evidenciamos isso em parte do texto:

Foi ordenado à moça que ocupasse o quartinho das traseiras e ali dependesse a noite. No tumulto de meu peito não houve sono que poisasse. Manhã seguinte, minha mãe me chamou e em gesto se explicou:

— *Essa moça lha mandámos embora.*

— *Embora?*

— *Ela é escura, mais que preta. Veja você: mulato, quase branco. Não podemos fazer a raça andar para trás.*

Meu pai ainda tentou aguar a fervura: que ela era aleijada da garganta, nem som de vogal a miúda rabiscava. (COUTO, 1994, p. 79).

Desapontado, o jovem surdo decide seu destino fugindo de casa, arriscando-se em novos caminhos que antes pensava não poder percorrer por causa da surdez. Então encontra abrigo em uma vila distante, onde já servira um padre surdo:

Não havia em nenhum mapa mais remoto lugarinho. Se chamava Vila Nenhuma. Ali refiz com esmero uma já existente paróquiazinha. Sendo o acaso que ali antes estivera um outro missionário, homem bondoso, que recheou de gente suas missas. E coincidência: como eu, também ele era surdo.

[...] Quem sabe fosse minha dedicação em tudo que, antes, me ignorava. Enfermeiro, fui. Professor, me estreei. Conselheiro, me tentei. Em tudo, enfim, ocupei a bondade. (COUTO, 1994, p. 79).

O desfecho da trama vem com uma tempestade no vilarejo. Os fiéis buscam abrigo na igreja e eis que o padre surdo encontra seu amor juvenil, ora uma bela mulher. A chuva é sempre indicadora de presságios nas narrativas coutianas, a natureza, os deuses e as crenças tradicionais são exaltados compondo assim um cenário maravilhoso e original. O padre surdo arrebatado se confessa para a igreja lotada que era surdo, sai do recinto e decide enfrentar seu destino, mas é impedido pela mulher que lhe toca a alma, trazendo de volta esperança. Segue o trecho deste reencontro:

Lá fora, como adivinhara, chovia. Minha cabeça imaginava, o tanto que chovia nunca me dera conta. O céu ameaçava inundação? Dei passos de bêbado, procurando o chão sob os charcos. Quem nunca cai é o cego? Senti uma mão que me prendia, me virei. Era a moça, aquela. Ela falou e eu perdi a noção do mundo. Vão-me crer, agora que sabem de minhas falsificações?

Por quem jurarei, se mesmo com Deus perdi parentesco? Seja, se duvide.

Mas eu ouvi, sim, ouvi sem ler nos lábios. Escutei a doce voz daquela mulher, sua fala me vestindo todo o meu espanto:

— *Fique. Fique... senhor padre!* (COUTO, 1994, p. 80).

#### 4. Considerações finais

O presente trabalho buscou contribuir no campo de estudos da literatura e da área de Letras Libras, especialmente na Educação de Surdos e Literatura Africana de Língua Portuguesa. Lembramos marcos no percurso histórico da educação dos surdos, com acúmulo de lutas e conquistas. Reforçamos aqui a importância das discussões sobre a pluralidade de identidades surdas e suas especificidades, bem como a necessidade da representação, sem estereótipos desses sujeitos, em uma sociedade ouvinte. Refletimos ainda

acerca do preconceito e da intolerância contra sujeitos surdos em uma sociedade ouvintista, impedindo a autonomia e direitos deles.

Apoiamo-nos no conceito de identidade de Perlin (1998), que encontra no sociólogo britânico-jamaicano Stuart Hall uma aproximação de uma identidade pós-estruturalista, que está em construção, ou seja: identidades plurais, múltiplas, que se transformam que não são fixas, imóveis, estáticas ou permanentes, que podem até mesmo ser contraditórias que não são algo, pronto.

Mia Couto tem a sua narrativa marcada pela oralidade e questionamentos acerca dos comportamentos e posicionamentos de seu povo moçambicano. É fabricante de (re) significados e tem uma métrica engendrada de neologismos. Essa conjuntura nos faz embarcar em uma nova dimensão, com palavras brincradas, uma viagem imersiva na cultura moçambicana, percebemos uma sociedade moderna, mas que preserva seus traços culturais clássicos. O referido autor descreve histórias construídas em um Moçambique que tem esperança de dias melhores e promissores e que busca por sua identidade.

Percebe-se a consonância entre a Literatura Africana, a partir do conto *O Padre Surdo*, narrativa coutiana, que traz a oralidade presente nas estórias com o referencial teórico presente no curso de Licenciatura em Letras Libras da UFAC. Na contemporaneidade, entre os temas centrais do conto *O Padre Surdo* estão a inclusão das pessoas com deficiência e o preconceito étnico-racial. A propósito, Moçambique tem uma população majoritária de negros, mas ainda reproduz condutas preconceituosas e intolerantes, um impeditivo, sabemos, para o respeito à diversidade e ao diferente. As temáticas são relevantes no cenário mundial, onde se discute e se busca por equidade e direitos humanos para todos.

## Referências

CAPOVILLA, F. C. **Filosofias Educacionais em relação ao surdo: do Oralismo à Comunicação Total ao Bilinguismo**. Revista Brasileira de Educação Especial. Universidade de São Paulo, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 99-116, 2000.

COUTO, Mia. O Padre Surdo. In: **Estórias Abensonhadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. p.77-81.

COUTO, Mia. Encontro e Encantos – Guimarães Rosa. In: **E se Obama fosse africano? E outras interinvenções**. São Paulo, Companhia das Letras, 2011. p. 58-64.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2006.

GESSER, Audrei. **Libras? Que língua é essa?** Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola, 2009.

PERLIN, Gladis T. T. Identidades Surdas. In: SKLIAR, Carlos (Org.). **A Surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 1998, p.51-73.

PETROV, Petar. **O projecto literário de Mia Couto**. Lisboa: CLEPUL. 2014.